

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

KELEN PAVAN

A busca pela subjetividade na criação de canções

PORTO ALEGRE
2022

CIP - Catalogação na Publicação

Pavan, Kelen
A busca pela subjetividade na criação de canções /
Kelen Pavan. -- 2022.
72 f.
Orientadora: Isabel Porto Nogueira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Música: Música Popular, Porto
Alegre, BR-RS, 2022.

1. Música Popular. 2. Canção. 3. Identidade
artística. 4. Composição. I. Porto Nogueira, Isabel,
orient. II. Título.

KELEN PAVAN

A busca pela subjetividade na criação de canções

Projeto de Graduação em Música Popular
apresentado ao Departamento de Música do
Instituto de Artes da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito para a
obtenção do título de Bacharel em Música

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Isabel Porto Nogueira

PORTO ALEGRE
2022

RESUMO

O presente projeto de graduação apresenta o processo envolvido na criação do meu EP autoral intitulado *Nascente*, onde são descritas individualmente as quatro canções criadas no período de setembro de 2021 a março de 2022, durante o período de isolamento pelo Covid-19. Neste memorial reflito sobre a construção da minha identidade enquanto compositora, as minhas inspirações e o meu desenvolvimento musical, bem como, descrevo os elementos técnicos do arranjo composicional e da produção fonográfica feita em estúdio. Este trabalho é fruto da minha trajetória como artista e como estudante na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no período de 2018 a 2022.

Palavras-chave: Música popular. Canção. Identidade artística. Compositora.

ABSTRACT

This graduation project presents the process involved in the creation of my autoral EP with the title of *Nascent*, where four songs are individually described and which were created in the period of September 2021 to May 2022, during Covid-19 isolation period. In this memorial I reflect on the construction of my identity as a composer, my aspirations and my musical development, as well as a description of the technical elements of the compositional arrangements and the phonographic production done in studio. This work is a result of my trajectory as an artist and as a student in Universidade Federal do Rio Grande do Sul from the period of 2018 to 2022.

Key words: Popular music. Song. Artistic identity. Composer.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Capítulo 1. Minha relação com a música.....	10
1.1. Como tudo começou.....	10
1.2. Escrever é um ato feminista.....	15
1.3. Ampliando a minha escuta.....	17
Capítulo 2. Conceitos sintonizados com o EP Nascente.....	18
1.4. Referências.....	20
1.5. Documentando os meus percursos.....	23
2.1. Seguindo o fluxo da água.....	26
Capítulo 3. Criando as canções – processo criativo e aspectos técnicos.....	27
3.1. O que esperar	27
3.2. Toda voz importa.....	33
3.3. Descobri eu mesma.....	40
3.4. Luz na escuridão.....	46
Capítulo 4. Produção Fonográfica.....	52
4.1. O que esperar	54
4.2. Toda voz importa.....	54
4.3. Descobri eu mesma.....	55
4.4. Luz na escuridão.....	56
Considerações Finais.....	57
Referências Bibliográficas	58
Apêndice.....	59
Partituras.....	60

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Capa do CD Sentimenti Vivi de Jhoni e Kelen

Imagem 2 - Meu quarto- O espaço de criação das canções

Imagem 3 - Poema Vozes-Mulheres

Imagem 4 - Referências Sonoras

Imagem 5 - Gravando a voz no Estúdio Reverberand0oo

Imagem 6 - Daw e plug-ins utilizados

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai Renoaldo Pavan pelo incentivo e amor incondicional, a minha mãe Ivone Stein Pavan por acreditar muito no meu potencial e competência, as vezes mais do que eu mesma, e ao meu irmão Jonathan Pavan por me impulsionar na direção dos meus objetivos e pela ajuda de inúmeras maneiras. Vocês me ensinam tanto, todos os dias. Obrigada por sonharem meus sonhos junto comigo.

Agradeço a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela dedicação em manter um ensino gratuito de qualidade, por ter me permitido crescer musicalmente, por ter tido a oportunidade de ter professores que admiro tanto e por todas as trocas musicais e experiências.

Agradeço a minha orientadora Isabel Nogueira por quem nutro uma grande admiração, pelas palavras, por fazer eu enxergar além do que está sobre a superfície e por fazer eu ter consciência sobre os meus processos e quem eu quero ser.

Agradeço aos meus amigos da faculdade, Felipe Vianna, Gustavo Barcellos e aos amigos que estão no grupo de WhatsApp áudio de autoajuda, onde nos apoiamos -daí que vem o nome- combinamos rolês, rimos e mandamos as melhores figurinhas. A todos amigos, vocês realmente me ajudaram em tempos de pandemia me curando através do riso, obrigada por terem feito da faculdade uma experiência leve e divertida.

Agradeço em especial a minha amiga Jalile Petzold por ter aceitado o convite de fazer um feat e criar uma parte tão linda, singular e ao mesmo tempo tão conectada com o que já estava exposto.

Agradeço a Maria Rotava pela colaboração na colocação com as palavras e disposição mesmo estando na correria atrás dos seus próprios sonhos. Observação: Maria tu também vai conseguir!

Agradeço ao Tiago Fernando Andreola pelas aulas outrora dadas, que me ajudaram a visualizar os meus conceitos musicais. Pelo auxílio com as partituras e por olhar as minhas composições com um carinho e musicalidade ímpares.

Agradeço ao Cristian Sperandir por ter aceitado produzir as minhas canções mesmo com um prazo apertado, e ter feito um trabalho de altíssima qualidade.

Agradeço os músicos que doaram a sua sonoridade para agregar no meu sonho: ao baterista Sandro Bonato, ao percussionista Bruno Martins Coelho e ao Cristian novamente, por gravar as teclas, o violão e o baixo.

E por fim, agradeço a minha banca Luciana Prass e Jean Presser, pelas aulas dadas, pelas considerações ao meu trabalho e por terem aceitado o convite de escutar as minhas canções e os meus caminhos trilhados.

*Há uma primavera em cada vida:
É preciso cantá-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi para cantar!
E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada,
Que me saiba perder...para me encontrar.*

Florabela Espanca

INTRODUÇÃO

Se me contemplo, tantas me vejo, que não entendo quem sou, no tempo do pensamento.

Vou desprendendo elos que tenho, alças, enredos... E é tudo imenso...¹

Abraçar a própria inconstância é libertador. Apresento através desse EP uma imersão nos sentimentos do meu eu de 22 anos. Nessa página da minha vida, saio da coxia para a vitrine do mundo do streaming. Abro as asas como compositora e encerro um ciclo de muito aprendizado no curso de Bacharelado em Música Popular da UFRGS.

O EP *Nascente* traz quatro canções que são costuradas pela temática da fé, da ascensão da confiança em si, da busca pelos próprios objetivos e também é sobre não ter medo de mostrar quem se é. Sob essa ótica, o EP representa uma personagem que está se construindo, está em composição. Essa personagem dialoga com meus próprios devaneios quanto à minha carreira e com meu lançamento no mundo da escrita musical.

Escolhi apresentar as conjunturas da minha obra com lirismos e associações empíricas, pois foi lendo poesias que me encantei pelo mundo da arquitetura das palavras e da brincadeira com os sentidos. Foram as poesias que me fizeram desenvolver um genuíno carinho pela escrita e impulsionaram o meu sonho de ser compositora.

A fim de facilitar a visualização acerca dos processos musicais, separei este trabalho em quatro capítulos, sendo que o primeiro retrata a minha história e o meu embasamento teórico, o segundo as conexões com o EP, o terceiro a elaboração das músicas e o quarto a Produção Fonográfica. Sendo o terceiro capítulo a exposição do meu processo criativo que trata das minhas inspirações e da elaboração das letras, apresento também os aspectos técnicos, onde manifesto os arranjos, as técnicas envolvidas, o fichamento, a harmonia e os motivos melódicos que dão suporte para o que busquei exprimir no texto.

¹ (MEIRELES, Cecília, 1963, p.6)

MINHA RELAÇÃO COM A MÚSICA

Como tudo começou

Minhas memórias sonoras são compostas pelo som do apito da Maria Fumaça, por tinidos industriais advindos da empresa Tramontina e pelo canto dos pássaros. Nasci na cidade de Carlos Barbosa, na Serra Gaúcha, e a localização da minha casa está inserida nessa atmosfera sonora. Além dessa peculiar combinação exterior, sempre houve muita diversidade musical dentro da minha residência.

Minha conexão com a arte áudio sensorial se introduziu pelo encantamento com a escuta. Por estarmos em uma região turística italiana e o meu pai ser descendente de italianos, cresci ouvindo canções italianas, sendo os cantores Laura Pausini e Andrea Bocelli grandes referências para mim ainda hoje. Outras músicas que sabíamos de cor eram dos artistas Amado Batista, Sandy e Junior, Teixeirinha e Ines Rizzardo (cantora de músicas italianas da minha região). De tanto escutar eles nas viagens de carro, acabamos riscando os CDs, literalmente.

Uma das minhas primeiras vivências musicais se deu por volta dos meus 6 anos, por meio do meu pai, que cantava junto ao grupo humorístico e musical italiano Vanti in Drio. Em uma ocasião, cantei no Terno de Reis com o grupo, evento que é uma tradição religiosa natalina que ocorre do dia 25 de dezembro ao dia 6 de janeiro. Durante esse período, os participantes do grupo visitam algumas casas sem avisar, vestidos de reis magos, de anjos e de estrela-guia, são cantadas algumas músicas de caráter religioso e depois a família visitada oferece comes e bebes.

Recordo-me de ter achado muito divertido participar dessa celebração. Mesmo sem entender o que estava acontecendo, gostei da expectativa de fazer uma surpresa para as pessoas, de cantar ao lado do meu pai e, claro, da comida que vinha de recompensa. Esse episódio fez com que surgisse em mim uma impressão de que cantar era divertido e fácil. Nos outros anos, eu cantei junto com o meu irmão e o meu pai no Terno de Reis com o Vanti in Drio.

Alguns meses depois, Carlos Barbosa recebeu a proposta da criação de um coral infanto-juvenil, o Coral Canarinhos de Carlos Barbosa, projeto que já acontecia em algumas cidades da região e que era encabeçado pelo fundador e maestro Celso Fortes. As inscrições eram para crianças de 7 a 13 anos. Eu tinha ainda 6 anos e não sabia ler, o que se tornou mais um impedimento para que eu participasse. O meu irmão, Jonathan Pavan, que tinha 9 anos, iria entrar. Fiquei triste em não ser aceita e por isso meu pai foi conversar com o maestro, explicando que eu gostaria muito de fazer parte do grupo e que eu cantava as letras de cor rapidamente, o que de fato ocorria.

Graças a essa conversa, pude me integrar ao coro, tendo feito parte dele por cinco anos. Essa foi uma fase muito especial, em que fiz vários amigos, conheci várias cidades do Rio Grande do Sul por causa das apresentações, aprendi sobre a potência da união das vozes e pude aperfeiçoar o meu canto e me desenvolver musicalmente. Ainda nos Canarinhos, tive a oportunidade de fazer vários solos.

Escrevendo sobre a minha trajetória, analisei que a minha história possui vários ciclos. Um deles ocorreu na faculdade após anos sem participar de nenhuma atividade coral, quando fiz quatro semestres da cadeira Canto Coral, ministrada pelo professor Jocelei Bohrer e depois pelo professor Carlos Eduardo Fecher. Inconscientemente, a nostalgia da experiência gratificante que tive com os Canarinhos fez com que eu quisesse me inscrever em todas cadeiras corais.

Com 8 anos de idade comecei a fazer aulas de técnica vocal, e de violão a partir dos 9. Fiz essas aulas por vários anos, tendo feito pequenas pausas e depois voltado a elas. Essas experiências serviram como pilares fundamentais para a minha identidade artística e para o meu aprimoramento e embasamento teórico.

Cantar em um coral e fazer essas aulas abriram-me horizontes para conhecer outros estilos musicais. Apaixonei-me por artistas brasileiros como Marisa Monte, Cazuza, Cássia Eller, Lenine e bandas como Legião Urbana e Skank. A partir desse momento, comecei a pesquisar sobre diversos gêneros musicais brasileiros e internacionais.

Com 10 anos, eu e o meu irmão criamos oficialmente a dupla Jhoni e Kelen, período no qual começamos a fazer shows italianos. Em 2012 gravamos o CD *Sentimenti Vivi*, significa Sentimentos Vivos em italiano, que contém 12 músicas italianas folclóricas e clássicas. Esse CD foi comercializado nas cantinas e vinícolas do Vale dos Vinhedos e Caminhos de Pedra, tendo passado a marca de 10 mil cópias físicas vendidas. Com a dupla nos apresentamos em grandes eventos e festas da região e do Rio Grande do Sul, como Festiqueijo, Fenakiwi, Fenachamp, Entrai e filós (festa típica italiana, com comidas e shows).



Imagem 1 – Capa do CD Sentimenti Vivi de Jhoni e Kelen (acervo pessoal)

Paralelamente ao trabalho com o meu irmão, aos meus 15 anos, comecei um trabalho acústico solo de voz e de violão, o qual sigo realizando, sendo esse com um repertório de músicas Pop e MPB, em português e em inglês. Com esse show me apresentei em cantinas, festas de 15 anos, casamentos e eventos.

Por causa do desejo de fazer shows acústicos voz e violão, esse também foi um período de grande exploração artística. Busquei artistas mulheres em que eu pudesse me inspirar, tanto musicalmente como também performaticamente. Havia várias, algumas eu já conhecia, mas não sabia que também se acompanhavam com o violão. Essas mulheres continuam sendo grandes influências para mim, por exemplo Ana Carolina, Cássia Eller, Adriana Calcanhoto, Zélia Duncan e Maria Gadú.

Os meus 18 anos foram muito importantes para a minha carreira musical, porque comecei a cantar na Maria Fumaça, trem turístico da Serra Gaúcha, que passa pelas cidades de Bento Gonçalves, Garibaldi e Carlos Barbosa. Participo até hoje apresentando o ritmo italiano da Tarantela para turistas de todo o Brasil. Comecei fazendo esse trabalho com meu irmão e hoje faço o faço com Leonardo Rossatto, meu amigo e colega de faculdade. No trem, eu toco bandolim, e o Leonardo me acompanha na gaita enquanto nós dois cantamos.

Outro marco que ocorreu no ano de 2018 foi o meu ingresso como discente no curso de Música Popular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esse era um sonho pelo qual me preparei no último ano do Ensino Médio para poder alcançar. Felizmente, conquistei a aprovação e, a partir disso, os desafios se tornaram outros, como deixar a minha cidade natal e me aventurar nas diversidades da capital do estado, sobre a qual cresci ouvindo que era perigosa e distante.

Foi um período de grandes transformações. A cidade me apresentava um acervo de sons novos. Havia o som da avenida, - com muitos mais carros e ônibus - havia também as conversas paralelas e a agitação dos passos nas calçadas. Vieram os receios com a segurança, a ansiedade com os meus estudos e as dúvidas sobre me virar sozinha e ser independente. Apesar dessas questões, a minha adaptação foi fácil. Gostei imediatamente da pluralidade de ideias e de pessoas que encontrava. Fiz amigos com quem continuo cultivando amizades, que, com certeza, não se dissiparão.

Também cresci como ser humano. Pude ver e entender outras realidades diferentes daquela que eu estava acostumada, o que fez com que me tornasse uma pessoa mais empática e sensível. Inclusive passei a me questionar mais, algumas reflexões foram propostas na cadeira de Prática Coletiva pela professora Isabel Nogueira, e as revisito para trazer consciência sobre os meus processos e sobre quem eu quero ser. Por exemplo, algumas dessas indagações são: o que está implícito sendo uma estudante em uma universidade federal? Como as relações de gênero estão intrínsecas em meus aspectos artísticos? E como quero ser reconhecida?

Poder estudar na UFRGS, uma universidade que possui um ensino conceituado, em um espaço público com professores de alto gabarito e trocando conhecimentos com colegas que possuem uma bagagem musical extensa foi muito enriquecedor musicalmente. Com algumas cadeiras e alguns professores pude ter mais contato, visto que tivemos mais aulas e semestres juntos e esses foram essenciais para a minha construção musical.

Algumas cadeiras que gostaria de destacar: Prática Musical Coletiva, em que aprendi a pensar em conjunto e a fazer arranjos; Percepção Musical, na qual melhorei a minha leitura de partituras e desenvolvi a minha escuta; Prática Instrumental Teclado, em que, além de aprender a tocar, também aprendi muito sobre como dar aulas; Música Popular do Brasil e História de Música, abriram-me horizontes para mergulhar em discografias de outros artistas e conhecer novos estilos musicais. Com essas e tantas outras cadeiras aprendi muito e sou grata por todo o conhecimento transmitido.

No entanto, o ensino foi atravessado pela pandemia, na qual não tivemos aulas por seis meses e não tínhamos previsibilidade de quando poderíamos regressar às aulas. Foram tempos difíceis para me manter focada nos estudos. A classe musical inteira se viu sem trabalho e eu também fiquei sem fazer shows, além da preocupação com a saúde pública e a de quem nós amamos.

Quando as aulas voltaram de forma online, o período emergencial trouxe outras perspectivas para a Música. Alunos e professores tiveram de se adaptar, enfrentando dificuldades, em razão do curso de música ser muito prático e colaborativo. Entretanto, os professores buscaram fazer o melhor dentro das novas condições, concluindo que também era possível estudar de forma online e continuar tendo um ensino de qualidade.

De maneira geral, tiveram de se adaptar, aprender a “dançar conforme a música”, ou, nesse caso, cantar conforme a música. Uma das lições da pandemia é que as metamorfoses da vida ocorrem sem pedir licença e que devemos apenas continuar progredindo e respeitando a nossa subjetividade. Concluo a faculdade de maneira remota, mas sem dar adeus aos estudos. Pelo contrário, a faculdade me motivou a prosseguir...

Escrever é um ato feminista

Uma mulher que escreve tem poder. E uma mulher com poder é temida.
(ANZALDÚA, 2000, p.6)

Compor é sobre prestar atenção em si, todavia é difícil para as mulheres escutarem os próprios sentimentos, a nossa própria voz, uma vez que somos condicionadas desde crianças a nos silenciarmos e seguirmos um roteiro pré-estabelecido - Solnit (2021, p.62). Por esse motivo, deixamos de ver mesmo o que está emergindo em nossa superfície, o que dificulta o autoconhecimento e a construção da nossa personalidade. De acordo com Rebecca Solnit em sua obra *Recordações da minha inexistência* (2021, p.10) “ser uma jovem mulher significa enfrentar a sua própria aniquilação de maneiras inúmeras, ou então fugir dela, ou do conhecimento dela”.

Em minha casa, felizmente, sempre pude contar com o apoio e incentivo dos meus pais e do meu irmão. Com diálogos recorrentes, fomos diminuindo as práticas machistas normalizadas pela sociedade. Contudo, mesmo tendo um ambiente seguro para expor meus pensamentos, socialmente entendi que é a voz do homem que reverbera mais, que é considerada mais importante e que os homens são menos interrompidos e mais incentivados a se expressar. Enquanto isso, eu sou incentivada a sorrir, comportar-me e comparar-me com outras mulheres. Solnit (2021) exemplifica essas percepções no trecho:

Quanto espaço existe para você — onde você é cortada, seja na rua, na profissão ou numa conversa? Todas as nossas lutas podem ser imaginadas como disputas territoriais, batalhas para defender ou anexar território, e podemos entender as diferenças entre nós como sendo, entre outras coisas, acerca de quanto espaço nos é permitido ou negado, para falar, participar, perambular por aí, para criar, definir, vencer. (SOLNIT, 2021, p.92)

Por muito tempo tive medo de escrever, porque tinha medo de falhar, medo de que as minhas músicas não fossem boas o suficiente. A sociedade impõe padrões de perfeição para as mulheres e, visto que são inalcançáveis, existe um desgaste emocional muito grande pelo fato de que não os atingirmos.

Passei anos da minha vida escrevendo em cadernos e nas notas do meu celular ideias e fragmentos poéticos. Meu gravador também contém um acervo extenso de letras cantadas, motivos melódicos e cadências harmônicas. Cheguei a juntar parágrafos algumas vezes, mas, quando a continuidade da música se tornava difícil de ser vislumbrada, eu desistia. Nunca me senti pronta para cruzar as minhas próprias fronteiras e atrever-me a fazer uma composição inteira.

Fui entender a escrita como fonte de empoderamento feminino na faculdade, onde fui apresentada a outras pesquisadoras, onde conheci musicistas que se identificavam com as mesmas pautas e compreendi que o meu fazer musical e a minha identidade artística sempre estariam atrelados ao meu gênero. Dessa forma, pensando em fazer um TCC de criações autorais, revisei os meus textos e vi neles muito potencial. Neles, eu encontrava a minha subjetividade e a minha coerência, reafirmando a importância da escrita enquanto uma ferramenta de autodescoberta. Glória Anzaldúa (2000), no seu ensaio *Falando em línguas*, indaga-se por que é levada a escrever. A passagem que escolhi se abraça a minha própria perspectiva:

Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome.
Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo,
para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você.
Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo.
Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia.
Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever,
mas tenho um medo maior de não escrever. (ANZALDÚA, 2000, p.4)

Na faculdade, também pude entender muito mais sobre o papel esperado de artistas mulheres e como as suas vozes são valorizadas somente quando estão restritas ao lugar de cantora. Ou seja, elas têm o seu espaço delimitado e não têm abertura para explorar e opinar em outras ramificações musicais como arranjo, harmonia e dinâmicas. A voz masculina é a que prevalece, como dito por bell hooks: “as mulheres nunca são encorajadas a exigir dos homens sua cota de responsabilidade” (HOOKS, 2020, p.106). Sendo assim, o machismo continua se propagando no meio artístico. Ainda de acordo com hooks: “indivíduos comprometidos com a revolução feminista precisam buscar formas pelas quais os homens possam desaprender o sexismo”.

Ampliando a minha escuta

Em uma das primeiras aulas da cadeira Prática Musical Coletiva, a minha orientadora, Isabel Nogueira, comentou sobre os processos de escrita e de escuta. Sobre a escrita, aconselhou-nos a estar atentos a possíveis inspirações, documentando ideias criativas e musicais em um caderno ou bloco de notas que poderiam ser resgatadas e acessadas em qualquer lugar e momento do dia.

À respeito da escuta, trouxe-nos um conceito similar: o de prestar atenção aos sons do ambiente em que estamos inseridos. Como explicado pela professora, esse conceito é da compositora, acordeonista e pesquisadora Pauline Oliveros, retratado em sua obra *Escuta Profunda: a prática de som de um compositor* (2005). Nesse trabalho, é abordada a diferença de ouvir e de escutar. A segunda ação exige uma postura de atenção aos sons internos e aos do mundo, no entanto esse processo não é espontâneo e deve ser treinado, por meio do que Oliveros traz como as meditações do movimento.

Essas meditações trazem consciência sobre o espaço acústico e sobre a textura dos sons, quais estão em primeiro plano e o que eles representam, etc. A fim de perceber essas frequências, uma prática proposta foi a de caminhar pela cidade e buscar notar nuances sonoras. Fiz esse exercício na efervescente capital, que me apresentou a muitos sons, destacando-se os de trânsito e de conversas. Além disso, refiz esse exercício na interiorana Carlos Barbosa, onde havia menos sons e eles eram, principalmente, da natureza, como o som do vento e dos pássaros.

Trazendo a concepção da Escuta Profunda para as minhas composições, busquei elementos sonoros que interagissem com a letra, o ritmo e outros aspectos musicais já atrelados às composições. Dessa forma, na canção *O que esperar*, eu trouxe a colagem do som da praia no início e no final, pois a água tem uma metáfora de calma quanto ao futuro, ideia que está descrita na letra e também se relaciona com o título do meu EP. Na *Descobri eu mesma*, eu trouxe um som sintetizado metálico que traz o poder que quis transmitir. E na *Toda voz importa*, trouxe na abertura de vozes a ideia de coro que compartilha do mesmo ideal e uma voz distorcida que relembra a voz em um protesto.

Conceitos que se sintonizam com o EP Nascente

De acordo com o filósofo e historiador Michel Foucault em seu curso *A Hermenêutica do sujeito* (1982) o sujeito se constitui de uma maneira ativa, através da prática. Assim, a sua singularidade, a sua verdade é uma construção voluntária através de exercícios espirituais, treinos e de regras de conduta sociais e culturais. E assim a subjetividade é edificada e gravada em nós.

Uma nascente não sabe que formará um rio, assim como eu não suspeitava que a estreia na leitura poética anos atrás iria conduzir-me a um EP de composições próprias. Mas como apontado por Foucault, a prática da literatura poética reflexiva fez com que eu também acrescentasse para a minha personalidade uma maneira poética de pensar. Mesmo com receios, e adiando o sonho de ter as minhas composições, as rimas e figuras de linguagem já me constituíam, estavam apenas adormecidas esperando para serem musicadas.

A semântica da palavra “nascente” casa perfeitamente com o meu processo: onde se inicia o curso da água, acontecimento diário em que o sol desponta no horizonte, começar a constituir-se. Esses significados têm um sentido parecido, todavia me identifico mais com a fonte que jorra água para cima sem direção estabelecida do que com o sol, que já tem o seu horário e caminho traçado, todo dia matutidamente surgindo ao leste.

Meu EP é ligado pela temática da exposição de sentimentos e de idealizações. De uma forma contrastante, apresenta a idealização de que tudo vai ficar bem com sentimentos de esperança e inquietações quanto ao futuro nas músicas *O que esperar* e *Luz na escuridão*. E nas músicas *Descobri eu mesma* e *Toda voz importa* demonstram sentimentos de empoderamento, de movimento e gana para desbravar caminhos.

Implicitamente, o EP também se entrelaça com as minhas vivências na faculdade, com a cidade interiorana em que compus as canções, com os meus sonhos e com as minhas referências, visto que todas essas experiências são edificadoras da minha subjetividade enquanto pessoa e artista. Copland (2013),

em seu livro “Como ouvir e entender música”, valida a minha percepção no trecho:

Se examinarmos mais de perto essa questão do caráter individual do compositor, descobriremos que ele é feito de dois elementos distintos: a personalidade com que ele nasceu e as influências do tempo em que viveu. (COPLAND, 2013, p.182)

Visando a continuidade do EP *Nascente* após a conclusão do meu TCC, trago opções que serão analisadas e esquematizadas melhor após a feitura da minha banca de conclusão. Sendo assim, alguns planos são: registrar essas canções, patenteando-as; participar de editais para ser contemplada em projetos que custeiem integralmente ou parcialmente a gravação de videoclipes para as quatro canções e que ajudem com os gastos envolvidos na divulgação; pretendo rever se as músicas estão totalmente concluídas e pretendo tirar fotos para a capa do EP e para cada faixa.

Essas ideias são resultado de uma pesquisa sobre planejamento de carreira e sobre estratégias que impulsionam as músicas na contemporaneidade. A importância dos videoclipes e fotos, por exemplo, é que o meio visual ajuda a ser reconhecido. Os vídeos e fotos são formas de eu mostrar a minha identidade visual, expressar minha mensagem de forma clara e são formas de entretenimento que cativam tanto quanto as músicas.

A fim de promover a minha carreira artística, alcançar novas pessoas e fortalecer as relações com quem já me acompanha, irei realizar essas e outras atividades, além de continuar pesquisando. Todavia, acima do desejo de que as minhas canções sejam adoradas e de que meu trabalho seja reconhecido, o resultado mais importante é de me manter honesta com os meus sentimentos. Em minha estreia composicional, não almejei alcançar números, mas sim descobrir-me. E saber que consegui transpassar as minhas próprias barreiras é um bálsamo de alívio, uma brisa fresca, e também é um impulsionar para eu buscar muito mais.

Referências

A fim de organizar a minha metodologia para começar a compor, busquei relatos de amigos sobre como faziam para compor e de que maneira examinavam as suas músicas. As respostas não poderiam ter sido mais diversas, alguns começavam por acordes, outros pelo texto e outros improvisavam melodias. Entendi, assim, que cada um tinha o seu modo peculiar de criação e que nem sempre elas se dariam da mesma forma. Contudo, no texto do meu professor Celso Loureiro Chaves, “Por uma pedagogia da composição musical” CHAVES (2010), encontrei uma metodologia que elucidou territórios com os quais eu poderia me direcionar:

Decisões ideológicas: o estabelecimento do repertório com o qual se dialoga e no qual é possível intervir para a solidificação de suas concepções;

Decisões estéticas: quais componentes sonoras são colocadas em ação, e quando, como se integram e como divergem, o quanto se bastam e o quanto se consomem;

Decisões pontuais: as decisões de processo de criação que impelem o trabalho para diante e que conformam a obra num processo cumulativo de informações. ” (CHAVES, 2010, p.83)

A segunda e terceira decisões estão elucidadas no capítulo da Produção Fonográfica e o primeiro item, com que repertórios as minhas músicas dialogam, está exposto aqui. Esse tema também foi proposto pela minha mentora Isabel Nogueira, em uma atividade que consistia em fazer uma compilação de identificações e referências e, em seguida, analisar que aspectos me inspiravam, que sonoridades gostaria que estivessem no meu EP e como elas se relacionariam com a mensagem do texto.

Nesse exercício realizado no início do TCC, compreendi a necessidade de entender que fragmentos criativos gosto musicalmente e criativamente antes de começar a compor, visto que essas referências norteariam as minhas composições e ajudariam-me a classificar os materiais posteriormente.

Dessa maneira, elegi algumas músicas, livros e artistas que saliento aqui como sendo alicerces para os caminhos que foram traçados neste EP.

Inicialmente, cito os livros de poesias, pois foi lendo esses textos líricos que floresceram os meus próprios versos. São esses: *Carpinejar*, Fabrício Carpinejar (2020); *Toda Poesia*, Paulo Leminski (1970); *Júbilo, Memória, noviciado da paixão*, Hilda Hist (1974); *Charneca em flor*, Florbela Espanca (1931) e *Mensagem*, Fernando Pessoa (1934).

Também trago a minha coletânea de inspirações musicais e as minhas considerações sobre os elementos que me chamaram atenção e que busquei incorporar em minhas músicas. Exponho uma gama de timbres, texturas e técnicas que reverberam mais em mim e que se estendem de alguma forma para o meu EP. Ressalto as ornamentações vocais, uma vez que a voz é o meu instrumento principal. Dessa forma, os artistas e músicas que tangem a minha obra:

Kanye West & Sunday Service Collective conectam-me com o lugar da relação entre a espiritualidade e a música. O coral americano gospel liderado por Kanye traz em seus shows a moldura da sensibilidade em formato melódico quando canta de maneira intensa, que para mim tem o objetivo de passar a mensagem de que eles têm certeza quanto ao amor de Deus e também o amam. A voz é enaltecida, sendo colocada em primeiro plano e deixando-a muitas vezes apenas a cappella. Além disso, utilizam em seus shows arranjos vocais com muita abertura de vozes e oscilação de dinâmicas, elementos que busquei colocar em minhas composições.

Norah Jones é uma artista que comecei a acompanhar quando comecei a fazer shows acústicos. Além de ser uma grande pianista e cantora, gosto de como ela tem uma identidade artística muito forte e singular. Aprecio a maneira que ela canta, sem utilizar uma voz muito impostada, com mais drives, em uma extensão vocal mais próxima da fala. Inspirei-me nela em minha canção O que esperar.

O álbum *Corpo do Som*, do grupo brasileiro Barbatuques, trouxe outro panorama sobre a música brasileira e sobre o que pode ser considerado instrumento musical, visto que o grupo trabalha com a percussão corporal. O

grupo também traz a sonoridade nordestina e as palmas, ingredientes que usei para compor a música *Toda voz importa*.

O cantor Labrinth apresenta o falsete e sons sintetizados que se interligam de forma natural, os quais procurei adicionar em minhas canções. Aprecio o modo em como ele traz a voz quebrada, que geralmente é associada a um erro vocal em uma passagem, para tonificar o poder da mensagem. Apesar de não ver muitas associações entre as minhas músicas e as dele, ele é um artista sobre o qual buscarei me aprofundar mais futuramente e mergulhar em sonoridades mais sintetizadas.

Billie Eilish transcende a música criando uma atmosfera flutuante e espacial. Gosto de como os instrumentos complementam o que a voz canta, da bateria mais suspensa, utilizando vassourinha, instrumentos percussivos e beats e também das harmonias que utilizam acordes menores e com 7M. As minhas músicas Luz na escuridão e O que esperar se relacionam com esses conceitos.

Outros aspectos que considero interessante são a mistura entre instrumentos que não são convencionais de serem tocados juntos, como na música Indian Summer de Anoushka Shankar, em que há um piano, um violoncelo e um sitar e os baixos em evidência e o groove presentes nas composições de Tim Maia.

Todas as referências mencionadas trazem elementos que estão intrinsecamente baseados em minhas experiências sociais musicais como intérprete, compositora e mulher no meio artístico e, portanto, são indissociáveis a mim. Esses componentes fundamentam minhas perspectivas musicais atuais e estão inseridos em minha obra, alguns de uma forma mais proeminente do que outros, justamente por me cativarem e dialogarem com a minha identificação pessoal estética.

Documentando os meus percursos

O desenvolvimento do meu projeto de graduação não se deu de forma linear, pois, por se tratar de um processo artístico inédito, perpassei pelo amadurecimento das minhas percepções musicais e por minhas inseguranças. Porém, a maior dificuldade foi o tempo hábil para a realização das tarefas criativas e de produção fonográfica, visto que é difícil mensurar o tempo de criação.

A maneira que mais fez sentido para eu conduzir o meu percurso criativo foi a criação e a escrita em fluxo, isto é, quando apareciam os insights ou quando eu tinha clareza do caminho a seguir, eu escrevia, criava ou documentava com afinco na linha de raciocínio até estar cansada ou a produção não acontecer mais. Dessa forma, quando estancava, eu fazia pausas e focava-me em outros tópicos a serem trabalhados.

Todas as minhas canções foram compostas em meu quarto, espaço no qual sonhei durante anos ter composições próprias e onde as realizei. Este foi um lugar que serviu de concha e de suporte quando me senti incapaz e com receios, onde emergi em mim e enfrentei as minhas próprias resistências e também o local que ia quando tinha uma nova ideia. Foi sentada em minha cama junto ao meu violão à meia luz que tracei harmonias e melodias e foi sentada em frente à janela, vendo as luzes da cidade, que escrevi o texto do meu TCC.



Imagem 2 - Meu quarto: O espaço de criação das canções (acervo pessoal)

A elaboração das canções seguiu um protocolo criativo. Primeiro, eu vasculhava nas notas do meu celular os poemas, frases e pensamentos que havia criado, esse processo servia para eu resgatar uma ideia ou uma inspiração para criar novas. Após isso, a partir dessa centelha frasal, eu testava no violão progressões ou improvisava vocalmente linhas melódicas que combinassem com o texto. Apesar das variações de processos entre as canções, em todas eu fui mesclando entre letra e música, como em uma dança em que um dançarino precisa acompanhar o outro. Trago aqui um trecho do livro *Estação Brasil – Conversas com Músicos Brasileiros* (2006) que exemplifica o que me refiro:

Nunca escrevo a letra antes da música. Muitas vezes surge a música e a letra vai se esboçando ao mesmo tempo; outras vezes a música vai ficando pronta, ainda não tem letra e a letra vem depois. (Weinschelbaum, 2006, p. 229).

Algumas mudanças ocorreram ao longo do meu projeto e outras maneiras se cristalizaram como um modelo próprio para compor, musicar e escrever. Um desses processos que se perpetuaram durante a construção do meu EP foi o uso contínuo do meu celular como ferramenta, principalmente para arquivar memórias, gravações, escrever as letras e outras ideias. Cultivei essa prática lendo livros e continuei com ela, visto que funcionava e eu já estava acostumada.

Todos fragmentos que poderiam ser empregados em minhas composições foram registrados e mantidos em meu celular e notebook. Isso se refere a melodias cantadas, progressão harmônica acompanhada pelo violão, frases cantadas, versões, possível beat, etc. Nenhum material foi excluído, tendo em vista um possível reaproveitamento e a fim de mensurar e entender as minhas mutações criativas.

No início do meu TCC, quando não estava tão segura em relação a minha habilidade enquanto compositora e não havia traçado algumas diligências específicas, como um cronograma para me organizar e quantas músicas iriam compor o meu EP, o que me ajudou a acalmar os pensamentos nebulosos foi a música. Antes de começar a testar ideias, fossem elas só cantadas ou acompanhadas do violão, sempre tive uma preparação pré-composição, que

consistia em escutar diversos estilos musicais, algumas de minhas referências, bem como descobrir novas.

Esse ritual me ajudou a relaxar e a deixar a mente leve, longe das preocupações. Assim, antes de me debruçar sobre o violão e começar a criar, realizava uma imersão auditiva de ao menos vinte minutos. Dessa forma, notei que ficava mais focada e criativa, conectando-me com o que sentia e gostaria de passar. Depois de algumas semanas compondo, essa prática não se tornou mais necessária, pois conseguia me concentrar sozinha, mas eu ainda colocava playlists para começar com uma energia mais alta.

O instrumento que me ajudou a compor foi o meu violão, meu fiel escudeiro, instrumento que mais tenho contato e domínio. O piano digital também foi utilizado no começo para eu testar algumas progressões e harmonias, o que me abriu horizontes para novas cadências harmônicas e linhas melódicas, no entanto nenhuma canção foi composta com o piano.

Sendo a voz o meu instrumento principal, também improvisei vocalizes, prática que realizo há anos e que me auxiliou em todas as minhas composições. Com a voz, consigo traçar alguns caminhos melódicos de forma mais rápida e intuitiva, geralmente tenho como base alguns acordes e depois improviso.

Para a gravação, escolhi fazer em estúdio. O processo ocorreu primeiramente por meio de várias conversas com o Cristian Sperandir, para situarmos prazos e ideias. E depois foram realizadas a mixagem e masterização. Para alinharmos ideias, expliquei que texturas queria destacar, que timbres e efeitos estava imaginando e que partes precisavam de pequenos ajustes. Ele também deu as suas contribuições e chegamos a um consenso. Depois disso, concluída a edição das gravações, ele me mandou o arquivo para eu conferir e estava tudo de acordo com o que eu havia planejado.

Seguindo o fluxo da água

Como a água que beira a encosta, mesmo sendo desviada entre pedras, continua seguindo o fluxo da correnteza, compreendo que compor também é sobre tecer ideias e depois subvertê-las, a fim de ter o melhor resultado possível para minha obra criativa. Através dessa analogia, exponho que também estou em um processo de autodescoberta e que isso implicou em novos dilemas e concepções.

No mês de março, escutando a segunda versão das canções gravadas em home studio, notei que, mesmo para uma versão mais acústica, elas careciam de instrumentos, como baixo, guitarra, bateria e mais percussão. Nessas demos, eu havia gravado voz, violão e percussão com ovinhos e pandeiro meia lua. No entanto, a qualidade não ficou como eu havia almejado, porque faltavam-me equipamentos de captação e conhecimentos sobre produção fonográfica.

Nesse panorama, não conseguiria chegar perto de imprimir a musicalidade que almejava. Dessa forma, acabei por desistir da concepção de gravar em home studio e também modifiquei o meu arranjo instrumental, acrescentando outros instrumentos. Assim, a gravação foi realizada no estúdio Reverberand000, do produtor e músico Cristian Sperandir. Escolhi trabalhar com o Cristian pois acompanho o trabalho nas redes sociais e gosto da qualidade de suas produções, e também por ter aceitado gravar em um prazo mais apertado.

Como algumas ideias e inspirações floresceram muito perto da data de entrega do meu trabalho para a banca, não pude me debruçar muito em cima desses arranjos. Isso pode significar que essa não é a versão final das minhas composições, talvez alguns detalhes das minhas canções possam ser incrementados ou modificados após o meu TCC.

A parte mais importante que é experimentar foi realizada. Pude mapear arranjos, em busca de uma captação melhor, e todas essas feitura me deixaram orgulhosa do meu processo e contente por buscar a melhor versão para o meu fazer artístico, apesar das adversidades enfrentadas com o tempo de execução.

CRIANDO AS CANÇÕES – PROCESSO CRIATIVO E ASPECTOS TÉCNICOS

O QUE ESPERAR

Link da canção: <https://youtu.be/eKIYEIU5BB8>

Processo Criativo

A canção “O que esperar” foi a primeira composição do meu EP, sendo essa composta em três dias, como resultado decorrente de um trabalho para a cadeira Composição de Canção, ministrada pelo professor Luciano Zanatta no 7º semestre, em formato online, pela plataforma Mconf.

A atividade solicitada pelo professor consistia na criação de uma música que fosse uma canção ou que tivesse uma melodia que eventualmente poderia se tornar uma canção caso fosse incorporada uma letra. A dinâmica da tarefa seria a turma escutar a canção, e após, o compositor/a teria em torno de 10 minutos para explicar as suas motivações criativas, a harmonia, o arranjo e mais acréscimos que achasse necessário.

Os primeiros passos dessa criação foram difíceis pois não sabia por onde começar e estava com dificuldade para me concentrar, dessa forma passei uma manhã sem a canção ter rendido nada. Tive de alinhar a minha mente algumas vezes para escrever, pois o tempo era limitado e eu tinha um trabalho para entregar. Todavia, depois de estabelecer mini certezas como um trecho textual eu serviu de inspiração a criação tornou-se fluída.

Eu apresentei a minha composição no dia 01 de setembro de 2021, com uma gravação que fiz em *home studio* contendo apenas voz e um violão acústico. A gravação foi feita em menos de duas horas, com um microfone condenser e uma interface de áudio marca focusrite. Eu estava ansiosa para saber a reação que a turma teria visto que era a primeira composição que eu mostrava para os meus amigos e colegas.

Apresentei para a turma o meu processo de arranjo e illustrei os aspectos analíticos da música. Após o meu relato, recebi vários comentários positivos que me deram confiança e esperança de estar seguindo pelo caminho certo. Alguns

dos comentários feitos pelos meus colegas sobre a minha música foram: “que lindo”, “gostei de como muda o ritmo no refrão”, “aquela levada é uma surpresa muito bem colocada”, “muito massa! Senti uma leveza muito agradável”, e alguns outros.

Essa canção retrata a fase da minha vida que foi muito desafiadora por ter de me manter motivada durante o período de isolamento social imposto pela pandemia, e ao mesmo tempo, ter de planejar um EP com músicas autorais e descobrir-me artisticamente.

Portanto, devido a esses obstáculos, resolvi buscar alguma referência em minha biblioteca de ideias entre gravações e notações para servir como ponto de partida, e encontrei a primeira frase da música: “Eu não sei o que esperar de mim”. Essa frase eu havia gravado no meu celular em outubro de 2019, com a mesma melodia que usei na gravação final.

Esse verso norteou o tema da canção. Sendo assim, fui testando progressões harmônicas no violão, improvisando vocalmente em cima de alguns acordes e pensando na letra. Inspirei-me na situação de precisar fazer uma imersão nos meus sentimentos a fim de extrair ideias para composições. Na música comecei evidenciando essas incertezas quanto ao futuro na estrofe:

Eu não sei o que esperar de mim
Quando tudo está nublado e o sol demora a vir
Eu não sei o que esperar
De tudo, da vida

E também na parte do refrão:

Não aprendi muita coisa
O tempo me ensina
Mas eu ainda sou uma menina

Após apresentar essa angústia da imprevisibilidade quanto ao futuro e da minha insegurança como compositora, eu também apresento a minha versão

otimista de acreditar que tudo é possível e de que eu vou conseguir. Essa visão esperançosa está exposta nos trechos:

Mas vou sem pressa levando
O destino traçou todos os planos

Meus sonhos vão gritando
E então só tenho que insistir

Essa canção não utiliza muitas figuras de linguagem e dessa forma denota um sentido mais literal e menos poético. Todavia, na parte:

Agora vou pro mar
Todo mundo aprende a nadar
Uma hora ou outra
A vida ensina

Não estou me referindo ao sentido literal da palavra “mar”, mas sim ao significado metafórico de estar submergindo em uma imensidão desconhecida e aprendendo a fazer composições e que a única forma de conseguir isso é “nadando”.

O título “O que esperar” surgiu cinco meses após a criação da canção, pois, não tinha em mente que nome combinaria, e não queria nomeá-la sem um contexto mais profundo. Essa locução se encontra no início da canção e está inserida na frase “Eu não sei o que esperar de mim”, por não parecer mais importante que as outras, demorei para definir o título.

Contudo, como a música se chamaria ficou lúcido após eu pensar nela sob um panorama mais abrangente, como uma peça componente do meu Tcc, não apenas uma canção individual. Dessa forma, “o que esperar” se conecta com a letra da música que aborda o que penso acerca de mim e do futuro, e com o tcc sob uma ótica de que a música sendo a primeira do EP, é uma amostra do estilo musical e dos temas que vou apresentar nas próximas canções.

Aspectos Técnicos

A canção *O que esperar* iniciada pela gravação garimpada em meu celular já trazia os acordes A e E7M, que serviram de guia para as outras partes e para a definição da tonalidade – mi maior. Com a tonalidade estabelecida, testei os acordes do campo harmônico de E como F#m7, G#m7, B7 e C#m7, eles se conectaram bem com a letra e por isso foram mantidos.

A música começa pela Introdução que traz nuances melódicas baseadas nos acordes A e E7M. A estrofe também fica nesses dois acordes e só muda para encaminhar-se para o refrão ii, vi e V7(F#m7, C#m7 e B7), no entanto a dominante B7 não resolve no E7M pois o refrão volta com o A.

A estrutura harmônica também flerta com a tonalidade de A, visto que, dos sete acordes, três também estão no campo harmônico de A, outro fator que contribui para a dúvida, visto que a harmonia traz a resolução V7 I apenas ao final do refrão.

O refrão traz os acordes novos G#m7 e A#⁰, funções de terceiro grau menor e diminuto auxiliar, respectivamente. Na segunda estrofe do refrão o final é alterado por um acorde de B7sus4, interligando-se ao sentido da letra quando menciona “o destino já traçou todos os planos”, sendo o destino o personagem principal, e eu o personagem secundário. Independentemente dos meus planos é o destino quem manda no final, e por isso a mudança.

Essa canção foi composta em trechos independentes que foram unidos depois, por essa razão as partes ficaram com períodos irregulares, ou seja, o tamanho das partes “As” são diferentes, pois a segunda exposição da parte A contém uma frase a menos. Em vista disso, considere os dois parágrafos após o refrão como sendo uma parte só, juntando-os e deixando essa parte A` maior que a parte A.

Fichamento:

Canção: O que Esperar

Tonalidade: Mi maior

Ano da composição: 2021

Duração: 3` 30``

Ritmo: Pop

Compasso: 4/4

BPM: 88 - semínima

Estrutura: Introdução, Parte A, Refrão, Solo, A`, Refrão

Harmonia:

Introdução I: A7M C#m7 F#m7 B7sus4 B7 A6 E7M A E7M :I

Parte A I: A E7M A E7M A E7M F#m7 C#m7 B7 :I

Refrão I: A E7M F#m7 G#m7 A#º A7M G#m7 F#m7 E7M :I B7sus4 E7M :I

Instrumentação: Violão de Nylon, piano, teclado – Pad, percussão: bongô, caixa, chocalho, pratos, triângulo e moringa.

Ficha Técnica:

Bruno Coelho - Percussão

Kelen Pavan - Voz

Cristian Sperandir - Violão, Piano, Teclado e produção.

O que esperar (letra)

Eu não sei o que esperar de mim
Quando tudo está nublado e o sol demora a vir
Eu não sei o que esperar
De tudo, da vida

Não aprendi muita coisa**O tempo me ensina****Mas eu ainda sou uma menina****Mas vou sem pressa, levando****O destino traçou todos planos****Planos, planos**

Agora vou pro mar
Todo mundo aprende a nadar
Uma hora ou outra
A vida ensina

De tantos caminhos que percorri
Vou acreditando mais em mim
E os meus sonhos vão falando
E meus desejos vão gritando
E então só tenho que insistir

Não aprendi muita coisa**O tempo me ensina****Mas eu ainda sou uma menina****Mas vou sem pressa, levando****O destino traçou todos planos****Planos, planos**

TODA VOZ IMPORTA

Link da canção: <https://youtu.be/URQeT4b33IA>

Processo criativo

Durante o mês de dezembro de 2021, olhando trechos de citações de livros e de músicas e paisagens cinematográficas, encontrei no aplicativo Pinterest, uma frase do poema “Menina”, da escritora brasileira Conceição Evaristo², que me cativou à primeira vista: “Menina, meu poema primeiro, cuida de mim”. Relembro de ter me sentido abraçada por essas palavras, esbarrando num afago que nem sabia precisar.

Associando ao meu contexto, a pequena frase serve de comparação sobre cada verso que compus ser um fragmento fiel a mim, como em uma relação de amizade, em que eu tenho orgulho das minhas canções e elas vão estar sempre me lembrando que posso criar e ser tudo o que eu almejar.

Seduzida por esse sentimento, fui pesquisar mais poemas e frases dessa autora e encontrei o poema “Vozes-mulheres”, texto que me inspirou a compor a canção *Toda Voz Importa*. Essa música surgiu a partir de reflexões acerca desse poema:

VOZES-MULHERES

(Conceição Evaristo)

A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.
(Cadernos negros 13, p. 32-33)

Imagem 3 - Poema Vozes-Mulheres

Conceição Evaristo²: Escritora brasileira, romancista e poeta. Em sua obra, fez muitas reflexões sobre a vivência das mulheres negras.

Neste poema, Conceição retrata a escravidão, o racismo e a maneira que a sua descendência feminina foi sendo calada ao longo da linha do tempo. Entretanto, também traz a voz da juventude como uma voz justiceira, que não será silenciada e que carrega consigo a força das vozes suprimidas.

Após alguns dias, esse poema continuou ecoando em meus pensamentos, conduzindo-me a relê-lo de um modo mais analítico e instigando-me a tentar escrever uma composição com um tema que remetesse à importância de ser escutado, às minorias marginalizadas e a estigmas reproduzidos pela sociedade.

A partir dessa predefinição do norte da canção, no dia 16 de dezembro passei o dia em meu quarto escrevendo ideias de letras no bloco de notas do meu celular e brincando de melodiar as frases escritas. Sentada em minha cama e abraçada ao meu violão, fui tamborilando ritmos com os dedos no tampo do instrumento, buscando acordes, ritmos, referências e sonoridades que potencializassem a mensagem que eu pretendia transmitir.

A respeito da letra, após alguns rascunhos, floresceu a frase “todo mundo tem algo a dizer, toda a voz importa”, inspirada no poema de Conceição. Esse trecho viria a ser o refrão, o qual considerei como a vertente para as frases sucessoras.

Na parte da escrita, faço uma ressalva com um pequeno adendo sobre a questão de que eu não busco dar ênfase à algum preconceito, como o racismo, a xenofobia, a intolerância à comunidade LGBTQIA+ e outros tipos de discriminação, visto que não seria o meu lugar de fala como uma pessoa que não vivenciou tais preconceitos. Poderia sim, ter escrito sobre o machismo, espaço que infelizmente estaria apta a falar, visto que também já me deparei com falas e atos machistas e sexistas direcionadas a mim e amigas.

Ademais, em um primeiro momento, não pretendi que necessariamente se caracterizasse como uma canção de protesto, mas sim, que fosse reflexiva. Todavia a canção carecia de uma parte C e havia ficado um pouco genérica sem adentrar em nenhum tema específico.

Em vista disso, no dia 27 de março convidei a minha amiga e colega de faculdade Jalile Petzold a colaborar comigo na *Toda voz importa* criando uma parte que retratasse alguma vivência discriminatória que ela tenha passado, no nível que ela se sentisse à vontade, e também gravar a canção comigo, fazendo um feat. Ela aceitou a proposta, e desta maneira trago aqui o seu relato sobre o convite e o seu processo criativo:

“Em um primeiro momento fiquei muito animada por acompanhar o teu processo enquanto compositora e pelo convite porque a gente é amiga. Achei que ia ser muito interessante e também desafiador porque a gente tem timbres e fazeres musicais muito contrastantes, mas seria bom sair da minha zona de conforto. Estava ansiosa para que gostasse e posterguei um pouco para estruturar as ideias. Gostei muito da letra, e pensei em como agregar. Escolhi palavras que se conectassem com o texto, e que demonstrasse ação e movimento.

A composição acabou sendo natural, fluída, porque eu queria falar sobre a minha vivência enquanto uma mulher lésbica e como isso me forma não apenas de forma amorosa, mas se relaciona com outras mulheres que priorizo manter em minha vida, parceiras de trabalho e amigas. Essas relações se conectam com a pessoa que sou e com a minha performance artística ”

Quanto à sonoridade, inspirei-me no masterclass online “Canto e Percussão Corporal” com Lú Horta, que tive a oportunidade de participar nos meses de maio e junho de 2021. Lú Horta é uma das fundadoras e integrantes do grupo percussivo brasileiro Barbatuques, que também influenciou na elaboração dessa canção, visto que a forte abordagem percussiva e a exploração criativa de aberturas de vozes do grupo se relacionam a uma textura polifônica que almejei salientar na *Toda voz importa*.

No fator ritmo, experimentei durante a composição células rítmicas com claves mais sincopadas como as do ijexá, carimbó e o coco. Todavia, a que mais funcionou com a métrica das sílabas e realçou-as foi o baião, que é um ritmo oriundo do nordeste brasileiro.

Aspectos Técnicos

A fim de ressaltar a sonoridade nordestina, a canção *Toda Voz Importa* apresenta uma harmonia modal dórica, que tem como características o terceiro e o sétimo grau menor. A tonalidade é dó menor dórico, que é como se fosse o segundo grau de Bb. O modo fica ainda mais explícito no final do refrão, quando através de um melisma é destacada a nota lá, que não faria parte se fosse no campo harmônico de C menor. Dessa maneira, é destacado que se trata de uma escala menor com a sexta maior - escala modal dórica.

Os acordes dessa canção Cm7, F7 e Bb representam respectivamente o i, o IV e o VII. Tendo apenas três acordes, dois que se mantêm no refrão (Cm7 e F7) e um novo Bb em uma passagem na parte A, é notável que essa canção não se trata sobre harmonia, mas sim sobre os componentes sonoros que evidenciam as referências do norte do país.

Além do modo grego, outros detalhes trazem essa sonoridade nordestina como: a utilização da gaita, que remete aos grandes músicos pernambucanos Dominginhos e Luiz Gonzaga, o ritmo baião e o destaque dos instrumentos percussivos. Claro que, apesar dessas inspirações também busquei “deixar transparecer a minha personalidade” como mencionado na canção.

A estrutura dessa canção está equivalente entre si, tendo a parte A igual na primeira e segunda exposição. O refrão também é mostrado da mesma forma, com uma frase que se repete, mas que muda a palavra voz por vida. Depois da parte C, o refrão é repetido duas vezes. A parte C, composta e cantada por Jalile Petzold, é um trecho maior, que carrega uma mensagem singular que vai desencadeando para o retorno ao refrão.

Fichamento:

Canção: Toda Voz Importa

Tonalidade: Dó menor dórico

Ano da composição: 2021

Duração: 3`06``

Ritmo: Baião

Compasso: 4/4

BPM: 95 - semínima

Estrutura: Refrão, Parte A, Refrão, Parte A, Refrão, Parte C, Refrão (2x)

Harmonia:

Refrão I: Cm7 F7 :|

Parte A I: Cm7 F7 Bb F7 Cm7 F7 Cm7 :|

Instrumentação: Violão, tambor, guitarra sintetizada, gaita sintetizada e percussão.

Ficha Técnica:

Bruno Coelho: Percussão

Kelen Pavan: Voz

Jalile Petzold: Voz

Cristian Sperandir: Violão, voz (backing vocal), gaita e produção.

Toda a voz importa (letra)

Todo mundo tem algo a dizer

Toda a voz importa

Todo mundo tem algo a dizer

Toda a vida importa

Vou proteger sua liberdade

Pode sonhar à vontade

Pode deixar transparecer sua personalidade

Que aqui não não não tem murros não tem grades

Todo mundo tem algo a dizer

Toda a voz importa

Todo mundo tem algo a dizer

Toda a vida importa

Contra a conformidade

Procurando a humanidade

E que Deus nos de coragem

Pra viver nessa viagem

Que aqui não não não tem murros não tem grades

Todo mundo tem algo a dizer

Toda a voz importa

Todo mundo tem algo a dizer

Toda a vida importa

Se tivesse muralha ou grade meu grito faria cair

E agora caminho sem medo de ser, sem fingir

E cada mulher que eu amo tem um pouco de mim

Se eu canto, não canto sozinha, tem várias comigo aqui

Eu olho pra onde tiver que olhar

Eu canto pra ela sem medo de amar
Caminho com a mão na mão dela pela cidade inteira

Eu grito bem alto se for pra gritar
Eu subo a lomba se for pra lutar
Eu não tenho medo de nada pois não tô sozinha

**Todo mundo tem algo a dizer
Toda a voz importa
Todo mundo tem algo a dizer
Toda a vida importa**

**Todo mundo tem algo a dizer
Toda a voz importa
Todo mundo tem algo a dizer
Toda a vida importa**

EU DESCOBRI EU MESMA

Link da canção: <https://youtu.be/6RQw84hujuo>

Processo Criativo

Após passar uma semana de férias na praia no início de janeiro de 2022, voltei para casa com as energias renovadas e sentindo-me confiante. Na passagem do ano estabeleci metas que almejava alcançar e estava entusiasmada para as pôr em prática.

Voltei a fazer academia duas vezes na semana, e a fazer caminhadas de uma hora todos os dias. Também pude reencontrar vários amigos. Essas significativas atividades me ajudaram mentalmente, e também com o meu tcc, sendo que esse foi um período de grande avanço, em que me dediquei à escrita e às músicas.

Comecei mencionando em um caderno sobre como me sentia capaz e feliz. Essa referência ao meu estado de espírito catalisou várias ideias, inclusive a frase: “Eu descobri eu mesma, o poder da minha mente”, que viria a ser o refrão da minha nova canção. Dessa maneira, imaginei-me em uma conversa na qual um amigo ou familiar me perguntaria como eu estava e diria como eu me sentia feliz.

Simpatizei com a premissa de um diálogo musical e anotei algumas possíveis respostas a essa pergunta. Uma das repostas que me agradou foi: “Meu amor, eu tô seguindo com a minha vida, ninguém me ajudou a curar minhas feridas, e tá tudo bem, porque ferida todo mundo tem um pouco”, esse trecho me veio à mente com a melodia que foi utilizada na versão final e que norteou o resto da canção. A parte “porque ferida todo mundo tem um pouco” foi trocada depois, por uma frase mais otimista: “agora sou ativista em prol da minha autoestima”

Visto que já tinha um motivo melódico, apanhei o violão, e busquei criar uma base harmônica que se entrelaçasse com a melodia. Testei alguns acordes e construí a base harmônica Dm C/G G. Essa foi utilizada em toda a música com pequenas variações, o que permitiu que eu explorasse outros aspectos que queria enfatizar como a letra e o ritmo.

Alguns dias depois sentei na cadeira que fica em meu quarto, e comecei a improvisar em cima da base harmônica. Empenhei-me em desapegar-me da frase que eu já tinha pronta “ meu amor, eu estou seguindo...”, pois ela poderia influenciar uma inspiração diferente. No entanto, ela havia me contagiado de tal maneira que constantemente eu me lembrava dela. Assimilei isso como um bom sinal de que as pessoas se apegariam e lembrariam dela.

Em razão desse apego ao primeiro trecho, resolvi continuar a música a partir dele “...não perco tempo com quem me limita, então agora eu sou ativista em prol da minha autoestima”. Essas frases foram surgindo separadamente e depois foi feita uma colagem em que foi organizada a ordem e mudando uma e outra palavra.

Posteriormente, pensando nessas pessoas que lutam, me lembrei da música Maria Maria de Milton Nascimento e do seu ensinamento: sobre as mulheres que lutam, encaram o mundo e vão atrás dos seus sonhos apesar das adversidades. Estabeleci que é o poder e a força de vontade dessas “Marias” que quero transmitir com essa música. E então, após alguns improvisos vocais me surgiu a última frase dessa estrofe:

Tanta gente indo atrás do que quer
 Eu me inspiro, e ai ninguém segura esse rojão mulher
 Desejo tudo a quem luta corre atrás encara o mundo

Após encaminhada essa parte, precisava elaborar as outras. Sendo assim, priorizei o conceito do diálogo e o coloquei na música utilizando-o de forma evidente neste trecho:

Os meus pais, os meus vizinhos e os meus amigos
 me perguntam a mesma coisa
 Como eu fiquei tão corajosa, autêntica,
 forte com uma energia tão boa

Na resposta, me veio em um tom divertido a ideia de afirmar que o motivo de eu estar bem não é skincare, nem bilhete de loteria. Cheguei a colocar “não é skincare, nem bilhete de loteria, mas bem que podia ser”, mas depois retirei, uma vez que supus que esse complemento não conduzia para o refrão.

Aspectos Técnicos

Nesta canção me indaguei algumas vezes se precisava acrescentar mais acordes. Todavia me lembrei dos questionamentos que a professora Isabel Nogueira e o professor Luciano Zanatta fizeram em uma das primeiras aulas da cadeira de Práticas coletivas que era “sobre o que essa música é?” Essa foi uma forma de conduzir a reflexão de que a canção não se constitui apenas da letra, uma vez que as pessoas sempre descreviam aspectos da letra, sendo que a canção pode ser sobre diversos elementos composicionais.

Vendo a partir desse prisma, essa canção não é sobre a harmonia, é sobre a letra que retrata o empoderamento pessoal. Dessa forma a voz se torna um instrumento de mensagem mais potente e que busco destacar, enquanto o ritmo e a harmonia dão suporte para a letra brilhar. E, portanto, não tem problema a quantidade de acordes: não é sobre eles.

A *Descobri eu mesma* está na tonalidade de ré menor e apresenta uma harmonia cíclica de três acordes a música inteira. Essa harmonia consiste nos acordes: Dm7 sendo esse a tônica, o C sendo o sétimo grau do campo harmônico menor natural e o G que representa o quarto grau do campo harmônico menor melódico.

A respeito da estrutura da letra, não há uma padronização quanto as partes visto que a parte A é um trecho curto e depois já é exposta as duas estrofes do refrão. A parte B traz uma estrofe maior, cantada em um ritmo acelerado que pode ser considerado um rap. Depois do refrão aparecer novamente, a parte C retoma a informação passada no refrão em um trecho curto, similar a uma ponte, que através de uma linha melódica ascendente leva a canção para o seu cume, retomando o solo da introdução, e depois fazendo novamente o refrão.

Fichamento:

Canção: Descobri Eu Mesma

Tonalidade: Ré menor

Ano da composição: 2022

Duração: 3`05``

Ritmo: Pop

Compasso: 4/4

BPM: 135 - semínima

Estrutura: Introdução, Parte A, Refrão, Parte B, Refrão, Parte C, Refrão

Harmonia: I: Dm7 C G :I

Instrumentação: Baixo, teclado – Pad, pandeiro meia-lua, violão, bateria e percussão.

Ficha Técnica:

Sandro Bonato: Bateria

Bruno Coelho: Percussão

Kelen Pavan: Voz

Cristian Sperandir: Teclado- Pad, baixo e produção.

Eu descobri eu mesma (letra)

Os meus pais, os meus vizinhos e os meus amigos
me perguntam a mesma coisa
Como eu fiquei tão corajosa, autêntica, com uma energia tão boa

Não é skincare

Não é um bilhete de loteria

A beleza que em mim habita

Não é skincare

Não é um bilhete de loteria

A causa da minha euforia

Eu descobri eu mesma

O poder da minha mente

A beleza de ser valente

Eu descobri eu mesma

Meu amor, eu tô seguindo com a minha vida
Ninguém me ajudou a curar minhas feridas
Então agora eu sou ativista em prol da minha autoestima
Não perco tempo com quem me limita
Tanta gente indo atrás do que quer
Eu me inspiro, e aí ninguém segura esse rojão mulher
Desejo tudo a quem luta corre atrás encara o mundo

Não é skincare

Não é um bilhete de loteria

A beleza que em mim habita

Não é skincare

Não é um bilhete de loteria

A causa da minha euforia

Eu descobri eu mesma

O poder da minha mente

A beleza de ser valente

Eu descobri eu mesma

Não é brincadeira

Eu me apaixono sim

Por mim

Não é brincadeira

Eu me apaixono sim

Parece que o mundo cabe em mim

Não é skincare

Não é um bilhete de loteria

A beleza que em mim habita

Não é skincare

Não é um bilhete de loteria

A causa da minha euforia

Eu descobri eu mesma

O poder da minha mente

A beleza de ser valente

Eu descobri eu mesma

LUZ NA ESCURIDÃO

Link da canção: <https://youtu.be/VbqSbQzTAa0>

Processo Criativo

Entre os meses de maio a novembro de 2020, a minha mãe passou por um período de estresse mental no seu trabalho que a desestabilizou muito. Naquele momento, criei algumas frases e entoei algumas melodias sobre o quanto eu queria que ela ficasse bem, mas, infelizmente, não as escrevi em nenhum lugar e acabei esquecendo. Ela se recuperou desse momento depressivo e ficou tudo bem.

Em agosto de 2021 também passei por um período de conturbação devido ao isolamento social, ao trabalho como artista e ao tcc. E, tendo uma profunda conversa com a minha mãe, ela me deu sábios conselhos que me inspiraram e trouxeram-me memórias das frases que tinha escrito para ela em 2020.

A primeira frase que lembrei foi “estrela não sabe que brilha”, pensando sobre ela, em como era uma pessoa de tanta luz que desconhecia o seu poder. Ela me falou imagens semelhantes que tinha sobre mim, em como o meu talento musical estava escondido. Dessa vez, tratei de anotar meus pensamentos sobre a nossa conversa caso viesse a compor sobre esse assunto.

A música *Luz na escuridão* começou assim, sendo essa a última canção que compus e a mais desafiadora. Ela acabou não se referindo a mim ou a minha mãe individualmente, mas espelhando a junção de nossas inquietações e também criando a possibilidade de que o/a ouvinte se identifique com a letra.

As palavras “Esse ano eu quero ver você focar em você” foram ditas pela minha mãe desse jeito mesmo, sem pôr, nem tirar. Referindo-se ao meu tcc, ela quis dizer para eu eleger o meu EP e as minhas metas artísticas como prioridades, e aqui estou eu, fazendo o que ela me aconselhou, buscando os meus sonhos.

Gosto de pensar essa canção também como uma oração ou uma prece, na qual a terceira pessoa, provavelmente um namorado (a) pelo texto “me diga

que com um beijo e te curo”, conta a história e dá conselhos, se preocupa com o bem-estar do ser amado. Os trechos que destacam isso são:

Meu deixa ser teu anjo da guarda
E quando pensar em mim que se abra o teu maior sorriso

Te abençoou em silêncio antes de ir embora
Me diga que com um beijo eu te curo na mesma hora

Assim como o acolhimento está evidenciado, também é notável que o sujeito a quem a pessoa se refere está machucado psicologicamente:

Pessoas deixaram cicatrizes
Quebraram promessas
A quem só seu deu demais

Uma trilha molhada percorre teu rosto
Deixa descer de onde veio essa tem mais

Para esse último verso inspirei-me em um post que vi no Instagram, que mostrava uma mãe perguntando se sua filha criança precisava ter chorado tanto. A menina respondeu que sim, porque estava triste e que eram os adultos que não choravam o suficiente e depois ficavam tristes para sempre.

Essa frase me marcou e a parafraseei escolhendo as palavras “deixa descer de onde veio essa tem mais”, visto que chorar é um ato de alívio emocional e realmente faz a tristeza se dissipar.

Essa música foi sendo composta junto com as outras, tendo sido interrompida algumas vezes, principalmente por eu não saber o que queria dizer com ela e pela dificuldade em fazer as melodias e as harmonias de cada parte se encaixarem.

Em razão da adversidade enfrentada com essa canção, tive de buscar alternativas que me ajudassem a desbloquear a mente. Desse modo, procurei fazer uma pausa, e me divertir com coisas que gosto de fazer como ler, falar com as minhas amigas e assistir um filme.

Após esse respiro de alguns dias senti-me relaxar e aquecer, sendo esse efeito sinestésico o estímulo para que eu conseguisse finalizar a canção e criar o que seria o meu refrão:

O mundo tem problemas
Que você não vai viver o suficiente pra resolver
Esse ano eu quero ver você focar em você
Eu te faço uma oração, que você encontre a luz na escuridão

Terminar o meu EP com ela conclui lindamente uma parte da jornada em busca da minha subjetividade e das minhas verdades, e dá tanto início como asas para uma Kelen compositora, que busca confiar em si e ver a luz na escuridão. Essa parte da letra é a que levo como mensagem para minha vida, é sobre o que a música se tornou para mim.

Aspectos Técnicos

A canção Luz na Escuridão está no tom de mi maior, todavia, similarmente como a canção *O que Esperar*, ela também pode flertar com a tonalidade de lá maior pois o campo harmônico de lá e mi apresentam alguns dos mesmos acordes de base que estruturam uma canção. Todavia, igual a outra canção está também repousa no E, mesmo que as vezes não há dominantes incentivando essa resolução.

No refrão é apresentada uma progressão maior que não é cíclica, neste trecho é apresentado novos acordes como D6 que é o IV emprestado do A (IV), o Am6 que é o iv, o C6 que é o VI, que são acordes emprestados do campo harmônico de mi menor e o D#⁰ que é um diminuto dominante que resolve na tônica E. A harmonia também apresenta alguns acordes dominantes que não resolvem como o G#7 que é o SubV do C#m que é terceiro grau menor e o F#7 que é o SubV do B, que é o quinto grau. Todavia na parte C está inserido o B7 que é resolvido no E, e no refrão tem o D#⁰ que também é resolvido no E.

Igual as outras três canções, essa também possui um compasso quaternário. O bpm a princípio seria mais lento, trazendo a concepção de uma música reflexiva, todavia o refrão tinha um potencial para uma música mais alegre e aumentando a velocidade notei que as outras partes também combinavam com a ideia de uma canção mais alto-astral, alegre e esperançosa.

Como comentado no processo criativo, a estruturação dessa canção foi difícil. Mas consegui organizar as partes e ela foi finalizada com uma ordenação concreta e com uma quadratura semântica que se repete. Assim a parte A ficou sendo duas frases, o refrão sendo o principal apresenta mais material harmônico e semântico, depois é repetido a parte A e o refrão, é apresentado o solo que é o mesmo da introdução e o acréscimo de uma convenção que desencadeia na parte C, sendo essa bem distinta do resto da música e com dois trechos diferentes entre si, mas que foram considerados uma parte apenas. E por fim o refrão novamente.

Fichamento:

Canção: Luz na Escuridão

Tonalidade: Mi maior

Ano da composição: 2022

Duração: 3`18``

Ritmo: Pop

Compasso: 4/4

BPM: 110 - semínima

Estrutura: Introdução, Parte A, Refrão, Parte A, Refrão, Solo, Parte C, Refrão

Harmonia:

Introdução I: E G#7 A Am6 E :|

Parte A I: E G#7 A Am6 E :|

Refrão I: A Am6 E7 D6 A C6 D#⁰ E G#7 A G#m7 F#m7 E :|

Parte C I: F#m7 G#m7 C#m7 B7 E G#7 A G#7 A E F#7 E A :|

Instrumentação: Violão, sopro sintetizado, percussão e bateria.

Ficha Técnica:

Sandro Bonato: Bateria

Bruno Coelho: Percussão

Kelen Pavan: Voz

Cristian Sperandir: Violão e produção.

Luz na escuridão (letra)

Meu deixa ser teu anjo da guarda

E quando pensar em mim que se abra o teu maior sorriso

Te abençoo em silêncio antes de ir embora

Me diga que com um beijo eu te curo na mesma hora

O mundo tem problemas

você não vai viver o suficiente pra resolver

Esse ano eu quero ver você focar em você

Uh Uh uh

Eu te faço uma oração que você veja a luz na escuridão

Pessoas deixaram cicatrizes

Quebraram promessas, a quem só seu deu demais

Pega na minha mão e tenha fé

A gente caminha lado a lado, juntos pro que der e vier

O mundo tem problemas

você não vai viver o suficiente pra resolver

Esse ano eu quero ver você focar em você

Uh Uh uh

Eu te faço uma oração que você veja a luz na escuridão

Uma trilha molhada percorre teu rosto

Deixa descer de onde veio essa tem mais

Se o fardo que você carrega é muito pesado

Mas se Deus te deu é porque consegue carregar

Confia em ti... confia em ti...

Refrão

PRODUÇÃO FONOGRAFICA

A gravação e a edição das canções aconteceram em um período de duas semanas. Tendo sido iniciada no dia 14 de abril de 2022 e findada no dia 27 de abril de 2022. Em vista da alteração da concepção sobre o local da gravação, que antes seria gravado em casa e depois passou a ser em estúdio, o tempo para a produção fonográfica ficou limitado. Todavia, apreciei muito o resultado final pois consegui abranger aspectos musicais desejados e sob a minha ótica consegui ressaltar a minha singularidade.

Quanto as decisões estéticas, quais componentes sonoras são colocadas em ação, e quando, como se integram e como divergem (CHAVES, 2010) foi sendo definido ao longo do processo que ocorreu primeiro por chamada de vídeo e por troca de mensagens. Para a tomada de decisões sobre os arranjos e propostas musicais fomos conversando sobre as minhas referências, sobre o que queria passar com cada música, e outros aspectos como o arranjo instrumental. Trago a imagem de uma mensagem em que exponho alguns artistas e músicas as quais pretendi sonoramente relacioná-las:

Referências sonoridades

O que esperar:

Shimbalaiê- Maria gadú

Amado- Vanessa da Mata

Toda Voz importa:

Amarelo, azul e branco- Ana Vitória, Rita Lee

Baianá- Barbatuques

Triste louca ou má- Francisco, el Hombre

Descobri eu mesma:

Na sua estante- Pitty

Pumped up kicks- Foster the people

Luz na escuridão:

Depois- Marisa Monte

Grow- Samm Henshaw

Outras artistas que trazem sonoridades que

gosto:

Labrinth

Norah Jones

Dua lipa

Imagem 4 – Referências Sonoras (acervo pessoal)

;

Para definir que instrumentos se integrariam as composições, foram discutidos faixa a faixa os instrumentos indispensáveis para determinada composição. Dessa forma os instrumentos que foram utilizados nas canções foram: voz, baixo, bateria, violão, percussão, teclado, piano, e outros instrumentos sintetizados como gaita e sopro.

Todo o processo foi guiado por mim e delineado pelos arranjos que já havia estabelecido ou pré-estabelecido. No entanto, também foram incorporados elementos que o músico e produtor Cristian Sperandir trouxe, como: o uso de efeitos e sintetizadores, que aspectos seriam importantes destacar na música e a organização dos instrumentos.

Observo que conseqüentemente por eu não estar produzindo as minhas canções elas trazem elementos sonoros sugeridos pelo Cristian Sperandir e pelos músicos, e dessa forma, também traz a subjetividade deles nesse trabalho. Essa perspectiva não agride a minha essência, mas sim agrega na consideração de que esse não foi um trabalho singular, outras vozes se somaram.

A cronologia das gravações se deu da seguinte maneira: primeiro enviei uma guia das canções com metrônomo, depois foram gravadas bateria e percussão, e após o restante dos instrumentos. Foi enviada esta guia para que eu pudesse ensaiar e depois foi gravada a voz sobre esta guia. Ao final, foi acrescentado mais alguns efeitos em instrumentos e na voz, e depois as músicas foram mixadas e masterizadas. A gravação da minha voz ocorreu em uma tarde no dia 21 de abril de 2022, no Estúdio Reverberand0oo, que fica localizado em Osório/RS. Abaixo uma imagem minha no Estúdio.



Imagem 5 – Gravando a voz no Estúdio Reverberand0oo

Para a gravação e a produção fonográfica a Daw (Digital Áudio Workstation- programa de software avançado para gravação) utilizada foi o Logic Pro X. E para os efeitos vocais e instrumentais foi utilizado os plug-ins RVox, Valhalla VintageVerb, Chris Lord-Alge, E-Channel e DeEsser. Abaixo está uma imagem com esses plug-ins abertos na mixagem para a canção *Toda Voz Importa*.



Imagem 6 – Daw e plug-ins utilizados (acervo pessoal)

Para que seja possível avaliar os diversos processos de produção e mixagem, explico faixa a faixa a instrumentação, a edição e as motivações para a escolha dos elementos sonoros:

O Que Esperar

Essa canção não traz muitos instrumentos e não utiliza muitos efeitos a fim de valorizar a mensagem da canção deixando a voz em primeiro plano. Apresenta apenas uma linha vocal durante toda a canção e traz uma colagem sonora de som da praia, de ondas, que está exposta no início e no final da música.

A *O que esperar* utiliza piano e violão como instrumentos de base, sendo que o violão é destacado nos solos, como na introdução e nas convenções para as outras partes. No teclado foi utilizado um Pad para dar uma sustentação harmônica preenchendo o fundo da música, o que conecta os outros instrumentos e traz uma sensação suavizada para a canção.

Os elementos de percussão utilizados foi uma caixa com bastante efeito no refrão e com reverb acentuado, bongô, chocalhos e pratos, triângulo e uma moringa.

Toda Voz Importa

Visto que a pauta principal desta canção é sobre a voz, foi almejado deixá-la ricamente vocalizada. Dessa forma, foi agregada no refrão a voz da Jalile, do Cristian fazendo uma oitava a baixo, e também eu fiz vários dobramentos vocais para os dois lados do fone- LR (left, right). Também acrescentei um contraponto vocal com uma outra linha melódica no refrão.

Essa é uma canção que vai crescendo, começando quase a cappella, tendo apenas alguns elementos de percussão e o som sintetizado de uma gaita. Depois na parte B é acrescentado os violões e o tambor que fica batendo os graves, depois na parte em que a Jalile canta foi utilizado a voz dela e acrescentado um efeito de voz distorcida para simular um discurso de protesto.

No final tem vários elementos de percussão, inclusive percussão corporal por meio das palmas, mais uma guitarra sintetizada e a canção tem o seu cume nos dois últimos refrãos, sendo destacado por dobramento de vozes, a junção de instrumentos e uma dinâmica mais intensa.

Descobri Eu mesma

A minha referência para essa canção era trazer uma sonoridade mais elétrica, mais eletrônica e que remetesse ao rock. Dessa maneira a bateria ficou bem marcada, e também o timbre dela foi distorcido para trazer uma aparência mais suja para ela, o que também é uma marca do gênero Rock.

A música tem um moog (tipo de sintetizador) que faz a melodia do solo e também tem um teclado que faz uma base utilizando o timbre do piano eletrônico wurlitzer e mais um pad que soa como um hammond (órgão eletrônico). A minha voz foi dobrada duas vezes no refrão, sendo uma para cada lado do fone (LR left, right). Após, também foi agregado um backing vocal meu fazendo uma abertura vocal no refrão loopando a frase “Eu descobri eu mesma”.

Na instrumentação foi utilizado um baixo que foi gravado de palheta para dar esse aspecto mais rock e com um groove, percussões, teclado e elementos que soam como loop para conceder um caráter eletrônico e moderno.

Luz na Escuridão

Essa canção contou com apenas uma linha vocal, um violão, um sopro sintetizado, um teclado-pad, bateria, percussão, além de plug-ins e efeitos. A canção também utilizou alguns loops, modificando timbres de percussão com distorção e também com alguns plug-ins fechando a equalização e loopando para montar esses efeitos.

A Luz na Escuridão foi a outra canção que contou com a presença da bateria. Sendo que essa foi distorcida colocando um efeito lo-fi, principalmente nas duas partes que possuem um rolo de bateria. Nesse efeito, o som da bateria fica fechado e é colocado um pouco de distorção e um pouco de reverb, remetendo a uma sonoridade de produções mais antigas.

Na música foi posto um Hammond (órgão eletrônico) pois combina com o estilo pop da música e tem um holds que é um instrumento de teclado, que serve de base dando estabilidade para a música. O violão também serviu como base. No começo da canção o violão está sozinho e tem um filtro que fica ondulando com ele, fazendo cortes de frequência para dar um clima.

Considerações Finais

Medito, afinal, sobre a importância da criação, da escrita e do ensino. Faço um tributo a esses pilares que me concederam voz para ser a protagonista neste trabalho de conclusão de curso. Encerro essa etapa orgulhosa da minha jornada e apegada às minhas canções, à narração sobre os meus processos e também à escrita.

Esse acervo redigido se entrelaça com as minhas quatro canções, complementando-as e trazendo uma perspectiva inexplorada sobre os seus significados e inspirações. No entanto, compreendo que agora elas são muito mais do que apenas o que trago nesses capítulos, pertencem ao mundo e estão livres para se relacionarem com outras histórias de vida e, assim, transmitirem novos significados.

Concluo este trabalho compreendendo que a subjetividade é mais sobre enxergar e menos sobre procurar. Para encontrar a minha verdade não existe fórmula pronta, e compor exige muito trabalho de imersão em mim para enxergar a minha essência. Também compreendi que para ver é necessário se permitir, relaxar, testar e deixar o processo fluir, como uma nascente que não sabe para onde irá correr, mas continua independentemente.

Após os muitos aprendizados que essa experiência me trouxe, contemplo uma versão minha mais corajosa e confiante, que entende que os caminhos de uma artista independente não são fáceis, mas que sabe que tudo se torna possível quando há esforço para que isso se materialize. Dessa forma, espero ter a gana necessária para continuar persistindo e que o amor pela música e a minha singularidade artística e como pessoa sempre prevalecem.

A este trabalho de conclusão de curso, um adeus com carinho de quem aprendeu muito e viveu histórias incríveis em meu tempo como discente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul no curso de Música Popular. E quanto às composições, não me despeço, porque com certeza é um até logo.

Referências Bibliográficas:

ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. Revista Estudos Feministas, v.8,n.1 Florianópolis, 2000.

CHAVES, Celso Loureiro. *Por uma pedagogia da composição musical*. In: FREIRE, Vanda Bellard (org). Horizontes de pesquisa em música. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

COPLAND, Aaron. *Como ouvir e entender música*. São Paulo: É Realizações, 2013.

ESPANCA, F. *Sonetos de Florbela Espanca*. Mem Martins: Edições Europa-América. 1985.

EVARISTO, Conceição. *Poemas de recordação e outros movimentos*, 1.ed. In: <https://br.pinterest.com/pin/520588038172056194/>, Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito: curso dado no Collège de France (1982)*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: WMF Martins Fontes, 3. Ed., 2010.

HOOKS, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

SOLNIT, Rebecca. *Recordações da minha inexistência: Memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

MEIRELES, Cecília. *Mar absoluto e outros poemas*. São Paulo: Global Editora; 2. Ed., 2015.

WEINSCHELBAUM, Violeta. *Estação Brasil – Conversas com Músicos Brasileiros*. São Paulo, Editora 34, 2006.

Apêndice

Link e Qr code das canções no youtube:



O Que Esperar

<https://youtu.be/eKiYEIU5BB8>



Toda Voz Importa

<https://youtu.be/URQeT4b33IA>



Descobri Eu Mesma

<https://youtu.be/6RQw84hujuo>



Luz na Escuridão

<https://youtu.be/VbqSbQzTAa0>

O Que Esperar

Composição: Kelen Pavan
Transcrição: Tiago Andreola

♩ = 88

The musical score is written in treble clef with a key signature of three sharps (F#, C#, G#) and a 4/4 time signature. It consists of eight staves of music, each with a measure number (8, 5, 11, 15, 20, 24, 29, 32) at the beginning. The lyrics are written below the notes, with hyphens indicating syllables that span across multiple notes. Chord symbols are placed above the staff lines to indicate the harmonic structure.

8 Amaj7 C#m7 F#m7 B7sus4 B7

5 A6 Emaj7 A Emaj7

11 A Emaj7 A Emaj7

8 Eu não sei_ o quees-pe-rar_ de_ mim Quan-do tu-does-ta_nu bla_ do e o sol de-mo-raà_vir

15 A Emaj7 F#m7 C#m7 B7 A Emaj7

8 Eu não sei O quees-pe - rar_ de tu-do da vi - da_ Não a pren-di mui-ta

20 F#m7 G#m7 A#dim Amaj7 F#m7 G#m7 Emaj7 A

8 coi - sa_ o tem-po_meen - si - na_ mas eu ain-da sou u-ma me-ni - na_ Mas vou sem

24 Emaj7 F#m7 G#m7 A#dim Amaj7 G#m7 F#m7

8 pres - sa_ le-van do_ odes - ti - no_ tra-çou to-dos pla-nos_ pla_ nos_

29 B7sus4 Emaj7 A Emaj7

8 A - go-ra vou_pro mar_ To-do mun-doa-pren-dea na-dar u-ma

32 A Emaj7 A

8 ho-raouou-tra A vi - daen-si - na de tan-tos ca-mi-nhos que per - cor-ri_ voua-cre-di -

35 Emaj7 A Emaj7

tan-do mais em mim Eos meus so-nhos vão fa-lan - do Eos-meus de - se-jos vão gri-tan doem-tão só

38 F#m7 C#m7 B7 A Emaj7 F#m7 G#m7 A#dim Amaj7

te - nho queins-sis - tir Não a pren-di mui-ta coi-sa o tem-po meen - si - na mas eu ain-da

43 F#m7 G#m7 Emaj7 A Emaj7 F#m7 G#m7 A#dim

sou u-ma me-ni - na Mas vou sem pres-sa le-van - do odes - ti - no tra-çou to-dos

47 Amaj7 G#m7 F#m7 B7sus4 Emaj7 G#m7 F#m7

pla - nos pla nos

52 C#m7 A#º A Emaj7 F#m7 G#m7

Não a pren-di mui-ta coi-sa o tem-po meen-

56 A#dim Amaj7 F#m7 G#m7 Emaj7 A Emaj7 F#m7

si - na mas eu ain-da sou u-ma me-ni - na Mas vou sem pres-sa le-van - do odes-

60 G#m7 A#dim Amaj7 G#m7 F#m7

ti - no tra-çou to-dos pla - nos pla nos

65 Amaj7 Emaj7

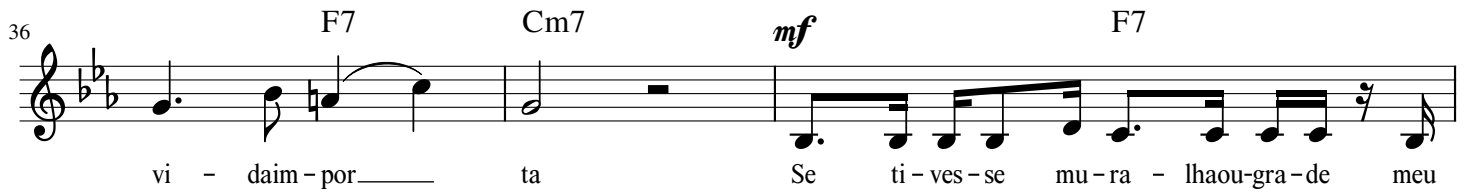
Toda Voz Importa

Composição: Kelen Pavan
Transcrição: Tiago Andreola

♩ = 95

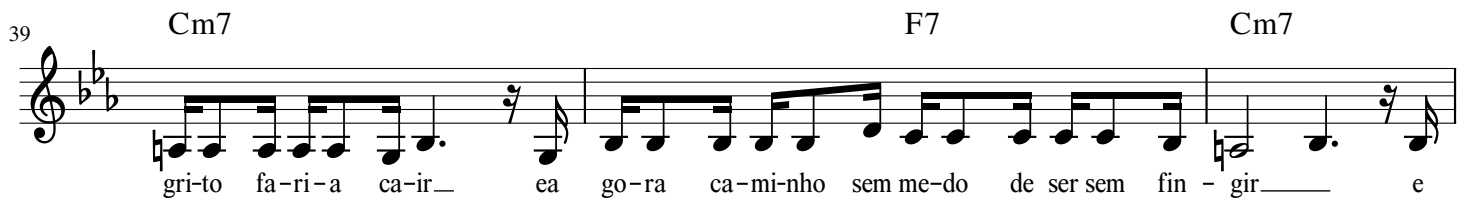
The musical score is written in a single system with a treble clef, a key signature of two flats (B-flat and E-flat), and a 4/4 time signature. The tempo is marked as ♩ = 95. The score consists of eight staves of music, each with a line of lyrics underneath. Chord symbols are placed above the staff lines. The lyrics are in Portuguese. The score includes dynamic markings such as *mf* and *mf*. The lyrics are: To-do mun-do tem al - goa-di - zer To-da voz im-por - ta To-do mun-do tem al - goa di - zer To-da vi - daim-por - ta Vou pro-te - ger sua li - ber - da - de Po - de so-nhar à - von - ta - de Pode dei - xar-trans-pa - re - cer - Su - a per-so-na - li - da - de Quea-qui não não não não - tem mur-ro não - tem gra - de To-do mun - do tem al - goa di - zer To-da voz im-por - ta To-do mun - do tem al - goa di - zer To-da vi - daim-por - ta Con-tra a con-for - mi - da - de pro-cu - ran-do a hu - ma - ni - da - de E que Deus nos dê - co - ra - gem Pra vi - ver nes-sa - vi - a - gem quea-qui não não não não - tem mur - ro não - tem gra - de To-do mun - do tem al - goa-di - zer To-da voz im-por - ta To-do mun - do tem al - goa-di - zer To-da

36 F7 Cm7 *mf* F7



vi - daim - por - - - ta Se ti - ves - se mu - ra - lhaou - gra - de meu

39 Cm7 F7 Cm7



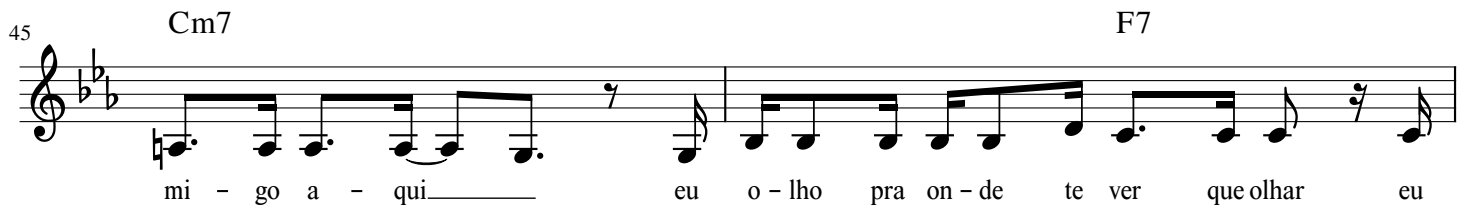
gri-to fa-ri-a ca-ir - - - ea go-ra ca-mi-nho sem me-do de ser sem fin - gir - - - e

42 F7 Cm7 F7



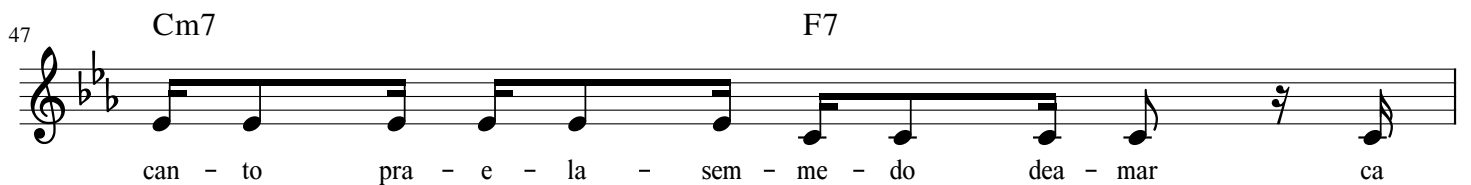
ca-da mu-lher-que eu a - motem um pou-co de-mim seeu can-to não-can-to so-zi-nha tem vá-rias co-

45 Cm7 F7



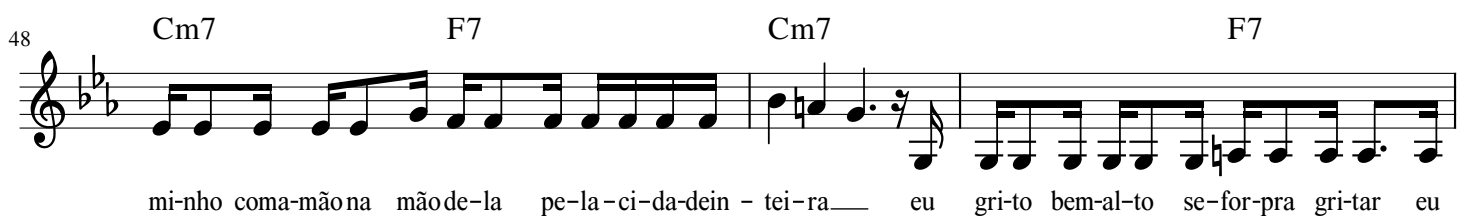
mi - go a - qui - - - eu o - lho pra on - de te ver que olhar eu

47 Cm7 F7




can - to pra - e - la - - sem - me - do dea - mar ca

48 Cm7 F7 Cm7 F7



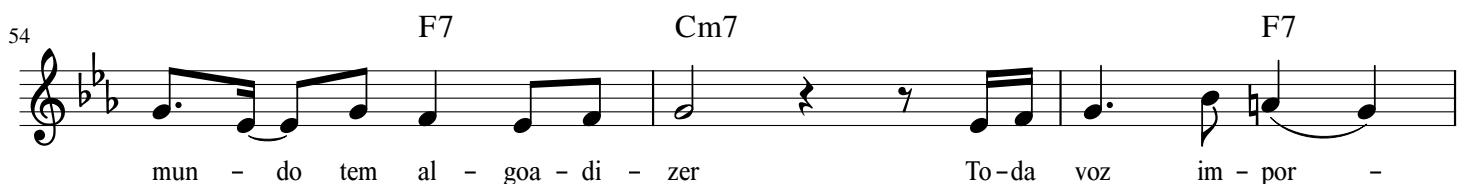
mi-nho coma-mão na mão de-la pe-la-ci-da-dein - tei-ra - - - eu gri-to bem-al-to se-for-pra gri-tar eu

51 Cm7 F7 Cm7 F7 Cm7



su-bo a lom-ba se for pra lu tar eu não te - nho-me-do de na-da pois não to so - zi - nha To-do

54 F7 Cm7 F7



mun - do tem al - goa - di - zer To-da voz im - por -

57 Cm7 F7 Cm7
ta To-do mun - do tem al - goa di - zer To-da

60 F7 Cm7 F7
vi - daim - por_____ ta To-do mun - do tem al - goa - di -

63 Cm7 F7 Cm7
zer To-da voz im - por - ta To-do

66 F7 Cm7 F7
mun - do tem al - goa di - zer To-da vi - daim - por_____

69 Cm7 F7 Cm7
ta To-do mun - do tem al - goa di - zer

Eu Descobri Eu Mesma

Composição: Kelen Pavan
Transcrição: Tiago Andreola

♩ = 135

Dm7 C G Dm7 C G



10 Dm7 C G



Os meus pais— Os meus vi - zi - nhos, meus a - mi - gos me per - gun - tam ma coi - sa — Co - mo fi -

14 Dm7 C G



quei tão co - ra - jo - saau - tèn - ti ca u - ma e - ner - gi - a tão bo - a Não é

18 Dm7 C G



Scin - care Não é bi - lhe - te lo - te - ri - a a be - le - za que em mim ha - bi - ta Não é

22 Dm7 C G



Scin - care Não é bi - lhe - te lo - te - ri - a cau - sa — da mi - nha eu - fo - ri a Eu des - co -

26 Dm7 C G



bri eu — mes - ma — O Po der da mi - nha men - te a be - le - zade ser va - len - teeu des - co -

30 Dm7 C G



bri eu — mes - ma —

34 Dm7 C G



Meua — mor - eu tô se - guin - do com a mi - nha vi - da — nin - guém mea - ju - dou. à cu - rar mi - nha fe - ri - das em tão a -

38 Dm7 C G

go - ra soua ti vis taem prol da mi - nha au - toes - ti ma Não per - co tem - po com quem mee - li mi - ta

42 Dm7 C G

gen - tein - doa - trás do que quer eu me ins - pi re e ninguém se - gu - rees se ro - jão mu - lher de - se - jo

46 Dm7 C G

tu - do à quem lu - ta cor - rea - trás en - ca - rao mun - do Não é

50 Dm7 C G

Scin - care Não é bi - lhe - te lo - te - ri - a a be - le - za que em mim ha - bi - ta Não é

54 Dm7 C G

Scin - care Não é bi - lhe - te lo - te - ri - a cau - sa da mi - nha eu - fo - ri a Eu des - co -

58 Dm7 C G

bri eu mes - ma O Po der da mi - nha men - te a be - le - zade ser va - len - teeu des - co -

62 Dm7 C G

bri eu mes - ma

66 Dm7 C G

Não é brin - ca dei - raeu mea - pai - xo - no sim por mim

70 Dm7 C G

Não é brin - ca dei - raeu mea - pai - xo - no sim pa - re ce que o mun - do ca - beam

73 Dm7 C G
mim

77 Dm7 C G Dm7 C G
Não é

85 Dm7 C G
Scin-care Não é bi - lhe-te lo-te-ri - a a be - le - za que em mim ha - bi - ta Não é

89 Dm7 C G
Scin-care Não é bi - lhe-te lo-te-ri - a cau - sa da mi-nhaeu-fo - ri a Eu des-co-

93 Dm7 C G
bri eu mes - ma O Po der da mi - nha men - te a be - le - zade ser va - len - teeu des - co -

97 Dm7 C G
bri eu mes - ma

101 Dm7 C G

Luz Na Escuridão

Composição: Kelen Pavan
Transcrição: Tiago Andreola

♩ = 110

E G#7 A Am6

6 E G#7 A Am6

10 E G#7 A Am6

Me dei-xa ser — teu an-jo da guar - da e quan-do pen-sar em mim que se a-bra o teu mai-or sor -

14 E E G#7

ri - so — Te aben - çoo em si - lên - cio an tes de ir em - bo — ra me

18 A Am6 E A Am6

Di - ga que - cùm bei - jo eu te cu - ro Na mes - ma ho - ra O mun do tem pro - ble - mas vo - cê não

22 E7 D6 A

vai vi - ver — su - fi - cien - te pra re - sol - ver — es - se ano eu que - ro

24 C6 D#dim E G#7

ver vo - cê fo - car em vo - cê — uh — uh — Eu — te

27 A Am6 G#m7 F#m7 E

fa - çou - ma o - ra - ção — você ve - ja luz na es - cu - ri - dão — Pes -

31 E G#7 Amaj7

so - as dei - xa - ram ci - ca - tri - zes que - bra - ram pro - mes - sas a

34 Am7 E

quem só - se deu de - ma ais

37 E G#7 A

Pega na minha mão e te - nha fé a gen - te ca - mi - nha la - doa ala - do jun -

40 Am6 E A Am6

- tos pro que der e vi - er O mun do tem pro - ble - mas vo - cê não

43 E7 D6 A

vai vi - ver su - fi - cien - te pra re - sol - ver es - se ano eu que - ro

45 C6 D#dim E G#7

ver vo - cê fo - car em vo - cê uh uh Eu te

48 A Am6 G#m7 F#m7 E

fa - çou - ma - ra - ção você ve - ja luz na es - cu - ri - dão

51 G#7 A Am6 E

55 G#7 A G#°

Uma

58 F#m7 G#m7 C#m7
 Tri - lha__ mo - lha - da__ per - co - re__ teu ros - to__ Dei - xa des-cer don-de vem

61 B7 E G#7 3 3 A
 es - sa__ vem mais Se-o far - do que vo - cê car re-ga é mui-to pe sa__ do

64 G#7 A E
 Mas se Deus te deu por - que con - se - gue car - re - gar con - fi__ a__ em

67 F#7 E A
 ti con - fi__ a__ em ti__ O

71 A Am6 E7 D6 A
 mun do tem pro - ble - mas vo-cênã vai vi-ver__ su-fi-cien-te pra re - sol - ver__ es-seano eu que-ro

74 C6 D#dim E G#7
 ver vo - cê fo - car em vo - cê__ uh__ uh__ Eu__ te

77 A Am6 G#m7 F#m7 E G#7
 fa - çou-mao - ra - çãõ__ vocêve-ja luz naes - cu - ri - dãõ__ uh__ uh__ Eu__ te

81 A Am6 G#m7 F#m7 E G#7
 fa - çou-mao - ra - çãõ__ vocêve-ja luz naes - cu - ri - dãõ__ uh__ uh__ Eu__ te

85 A *rallentando* Am6 G#m7 F#m7 E
 fa - çou-mao - ra - çãõ__ vocêve-ja luz naes - cu - ri - dãõ